

Fórum Mundial de Teologia e Libertação
Porto Alegre, 21-25 de janeiro de 2005
Panorama Mundial da Teologia por Regiões – Relatório da América Latina
Tânia Mara Vieira Sampaio¹ tsampaio@unimep.br

Um construção de saberes em diálogo

Morte, inadequação, irrelevância, esvaziamento, abandono, perda de rumo, desatualização, estes e outros termos têm sido usados, há mais de uma década, para fazer referência à Teologia da Libertação construída na América Latina. Contudo, não há quem possa negar, por este continente, que os anseios de libertação seguem marcando a vida de muitas pessoas, animando a articulação de muitos movimentos e grupos sociais, bem como estão na raiz da produção de saberes entre eles o teológico.

Mesmo que se nomeiem os limites da TL, estes mesmos já se convertem em anúncios dos caminhos trilhados e ampliados pelos referências feministas, afro-latinoamericanos, indígenas, camponeses, homossexuais, ecossistêmicos... que foram dando outros contornos, parâmetros e sabores aos saberes teológicos em efervescência nestas terras. Olhando nosso presente teológico e o passado do qual somos fruto a poesia de Fernando Pessoa se faz importante e indica caminhos profundos:

DE TUDO, FICARAM TRÊS COISAS:
a certeza de que estamos sempre começando...
a certeza de que é preciso continuar...
a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

PORTANTO DEVEMOS
fazer da interrupção um caminho novo...
da queda um passo de dança...
do medo, uma escada...
do sonho, uma ponte...
da procura... um encontro.

O Fórum Mundial de Teologia e Libertação no contexto convocatório do FSM desafia-nos a todos e todas a afirmar "um outro mundo é possível" e como fazê-lo senão através do encontro de "saberes em diálogo", precários e provisórios como os que nos constituem em nosso afazer cotidiano. E, mais ainda, nos permite encontrar as pessoas com seus gingados e perfumes diversos desafiando lógicas que se apresentam como inexoráveis.

¹ Coordenadora regional para América Latina de ASETT/EATWOT.

Há distintas produções teológicas na América Latina que partilham da concepção de que a corporeidade é categoria indispensável para o tratamento do tema da *construção de saberes*, uma vez que os seres humanos buscam conhecimentos e vivenciam seus desejos a partir dos reflexos da realidade em seu corpo. Segundo Rubem Alves, "quaisquer que sejam as realidades que me atingem, nada sei sobre elas, em si mesmas. Só as conheço como reverberações do meu corpo."² Está no corpo, em sua integridade e concreticidade, a condição dos seres vivos de construir suas experiências de relações no mundo e os saberes que respondam às interpelações de seu cotidiano.

Penso que a pluralidade de falas e jeitos da teologia construída na América Latina não compromete a objetividade de nossa reflexão, ao contrário, reconhece a complexidade do real e as limitações e parcialidades inerentes aos métodos com os quais nos propomos a decidir frente à realidade.

A ASETT e as diversas organizações promotoras e apoiadoras da iniciativa desse FMTL, têm se sentido desafiadas a construir canais de partilha a fim de propor revisões epistemológicas desde seu universo teológico e de ciências da religião para a articulação com outras áreas de saber, visando à afirmação da vida digna a todas as pessoas, todos os seres vivos e o ecossistema em sua complexa teia de relações.

Não se pode negar que a produção escrita na área da teologia (seja ela no campo da Bíblia, da História, da Sistemática, da Pastoral) e das ciências da religião seguem proliferando na América Latina. Igualmente muitos têm estabelecido diálogos com outras áreas de conhecimento que ampliam o leque antes restrito às ciências sociais e humanas, mas agora se acercam dos conhecimentos da matemática, da química, da física e da biologia, redimensionando muitos paradigmas de análise da realidade.

A par desse caminho interdisciplinar que se tem construído, a compreensão de que o eixo econômico não pode ser o único, nem o principal vetor para pensar a realidade humana, identifica-se que as relações de poder organizam-se em outras dimensões e todas atingem a corporeidade humana. Desse modo, a produção teológica tem se aprofundado a partir das identidades dos grupos sociais (afro-latinoamericanos, indígenas, camponeses, mulheres, homens, crianças, homossexuais, entre outros) sem perder a perspectiva do

² ALVES, R. *Variações Sobre a Vida e a Morte*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 32 e 37.

diálogo das convergências e divergências entre tais grupos e as temáticas que lhes têm desafiado.

Segundo Maricel Mena López³ "**La teología afro-americana** se inscribe entonces dentro del marco contextual de la TL del mismo modo que las teologías indias, campesinas y la teología desde la perspectiva de la homosexualidad. Estas teologías son hoy en América Latina, teologías hermanas que caminan de la mano. Tienen objetivos comunes como el romper con las barreras impuestas por el discurso teológico occidental patriarcal, "las especificaciones de cada una de ellas, lejos de fragmentar el discurso teológico que nace desde los más pobres, son diferencias que aportan a la formación de una teología plural, creativa, que se comunica y fortalece en la diversidad"⁴. Estas teologías no son simples temas complementarios dentro de la Teología. Son lugares de encuentro y diálogo que caminan en la búsqueda de nuevos aportes teológicos."

No âmbito da **produção teológica indígena**⁵ tem se afirmado a necessidade de "revalorar la importancia de la lucha espiritual, simbólica y ritual de nuestros pueblos. Ahí se encuentra nuestra fuerza mayor. Debemos recuperar lo perdido, restaurar nuestros proyectos de vida con sus valores fundamentales, recordar los mitos, celebrar y reforzar los ritos, dar su lugar a las ancianas y ancianos, a las sabias y sabios, poseedores de la sabiduría de nuestros pueblos; la importancia de la fiesta. Dios nos ha sembrado en la tierra donde estamos, florezcamos y demos frutos ahí; trabajemos con la fuerza de Dios.

Margarita De la Torre⁶, assim se expressou em um dos diálogos teológicos recentes: "¿Liberación de qué? Los pueblos indígenas y las mujeres indígenas tienen mucho de qué liberarse. En primer lugar de todos los anti-valores culturales, que están metidos en lo más profundo de su ser, como resultado de los cambios sufridos dentro de su propia cultura, y de la influencia negativa impuesta a través de su formación, mediante mitos y leyendas, y un análisis histórico y teológico tergiversado. La dominación religiosa ha sido una de las

³ LOPÉZ, Maricel Mena. "Nuestro cuerpo es lugar de revelación: Teología Afro-americana – Aportes metodológicos y epistemológicos". IN: 7ª JORNADA TEOLÓGICA DE CETELA (Comunidad de Educación Teológica Ecuménica Latinoamericana-Caribeña), La paz, Bolivia – Julio 13-17 de 2003.

⁴ SILVA, Silvia Regina de Lima "Teología feminista latino-americana" en *Teología Afro-americana – II Consulta Ecuménica de Teologías y Culturas Afro-americana y Caribeña*, Quito, Ediciones Afroamerica, 1998, p.119 apud LOPÉZ, Maricel, idem.

⁵ Documento final do 4º. Taller Ecuménico Latinoamericano de Teología India⁵, celebrado em 2003.

influencias más fuertes y directas que han sufrido los pueblos indígenas, siendo la evangelización una doble conquista. A pesar de la resistencia, los pueblos indígenas asimilaron la “otra religión” cargada de ideologías occidentales androcéntricas, porque estos pueblos eran y son profundamente practicantes de la espiritualidad en la cotidianidad.”

A teologia latinoamericana, construída sobre o referencial da corporeidade resulta na possibilidade de convergências das cosmovisões afro-latinoamericanas e as indígenas com a teologia feminista que articula categorias de gênero e complexidade no resgate de uma percepção que não apenas contempla o ser humano mas o ecossistema em sua amplitude ao pensar a produção teológica. Na afirmação intrigante de Ivone Gebara⁷ o debate epistemológico a partir do feminismo e da ecologia profunda nos desafia “a arrumar os sentidos e os conhecimentos de um outro jeito. Por isso, um passo importante a ser dado é repensar o conhecimento, isto é, nossa epistemologia, para a partir daí, captar de outra maneira os sentidos de nossa existência.” A interpelação, em seu texto, é para jamais deixar adormecer a energia inquiridora da mente, a nunca deixar de questionar o que parece óbvio e definitivo. *Contra dogmatismos... o movimento da vida!*

Entre os caminhos epistêmicos de superação dos impasses, é fundamental explicitar as contribuições advindas das teorias da complexidade e das teorias gênero. A primeira, pensa o ecossistema em sua dimensão interdependente e complexa, no qual o ser humano inclui-se, não como superior, mas como distinto, inaugurando uma nova percepção que propõe relações de conexidade entre seres vivos diferentes na perspectiva de redes. A segunda, com suas ênfases nas relações sociais assimétricas entre homens e mulheres; na demarcação da não homogeneidade destes grupos sociais, agregando-se a essa reflexão a constatação das assimetrias étnicas e de classes sociais. Ambas as teorias, têm impulsionado revisões conceituais de muitas ordens superando a fragmentaridade de nossas abordagens teológicas.

Do questionamento das desigualdades sociais baseadas nas diferenças de ordem biológica, chegou-se a interrogar milenares afirmações de inferioridade das mulheres em

⁶ DE LA TORRE, Margarita. Desafios de la teologia indígena para las instituciones teológicas: la situación de las mujeres indígenas en el quehacer teológico y eclesiológico. IN: : 7ª JORNADA TEOLÓGICA...

relação a homens, de negros em relação a brancos, do ecossistema em relação a seres humanos devido à natureza intrínseca de cada um destes seres. Entre as decorrências surgiu a urgência de uma revisão antropológica que contemplasse as construções históricas e sociais "naturalizadas" ao longo das épocas obscurecendo os jogos de poder embutidos nestas descrições de papéis e relações. Outrossim, não tendo o eixo econômico como exclusivo as pessoas puderam ser percebidas como seres não apenas constituídos de necessidades, mas de desejos e paixões, com todas as implicações para as relações humanas, sociais e ecossistêmicas que isto possa significar. Esse debate nos coloca novamente diante da necessária crise de percepção que apresenta a interdependência de tudo o que forma o ecossistema e produz vida na forma de desafio para pensarmos os seres humanos como parte dessa grande "teia da vida".

Redimensionar o valor do aspecto econômico e político na organização do cotidiano e nos reflexos sobre as corporeidades concretas não significa descartar esse embate como parte das temáticas teológicas. O diálogo economia e teologia segue sendo feito, porém acrescido e re-significado por outras percepções. Dessa maneira, ao assumir a proclamação do FSM "um outro mundo é possível", estamos empenhados/das com a necessidade de enfrentar a lógica idolátrica, sacrificial, de exclusão, de controle da corporeidade, de morte para milhares de seres humanos e para o ecossistema. Sabemos que não podemos enfrentar a economia de mercado globalizado com a ingenuidade de simples negação de sua existência. Repudiar a sua idolatria implica redesenhar o desenvolvimento tecnológico e científico, intervir em sua dinâmica com seus próprios instrumentos para pensar o trabalho – e não a exclusão – para as pessoas. Significa enfrentar a lógica da exclusão com a afirmação de um mundo em que caibam todos, rever o desperdício, reorganizar o uso das energias disponíveis; perceber as redes de conexões do universo que se manifestam na contramão dos desequilíbrios ambientais, entre outras afirmações de vida!

Ou nas afirmações de Diego Irarrazavál⁸ "ante un mercado totalitario y ante la insolidaridad de cada día, hay que continuar construyendo una alternativa global y polifacética. Aquí caben todas las voces y redes y propuestas de liberación (como han sido

⁷ GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'água, 1997, p. 24.

⁸ IRARRAZAVÁL, Diego ao refletir sobre o painel do FSM d 2003, ocorrido no Gigantinho, 24/jan./2003. IN: Boletim do FSM 2003 publicado por ASETT.

explicitadas en el FSM). En este proceso, la pluralidad de religiones y los diversos cristianismos apuntan hacia alternativas que asumen las diferencias."

Reconhecendo que as lógicas econômicas não se constroem isoladas das produções sociais, culturais, políticas e religiosas, percebemos a necessidade de tomar a questão da pluralidade religiosa como um dos eixos de sentido urgentes na continuidade da construção de teologias da libertação na América Latina e demais continentes em sintonia com as urgências da corporeidade em sua plural realidade. Há que abrir-se para além das propostas ecumênicas e macro-ecumênicas, que por maior abertura que tenham, partem da centralidade do cristianismo para iniciar o diálogo.

Afirma Diego Irarrazaval, que "en las trayectorias de las teologías de liberación han habido retos de parte de los cristianismos populares y sus sabidurías (a menudo descalificadas como asistemáticas y sincréticas). Tenemos pues el reto de "otras" religiones al interior del plurifacético cristianismo latinoamericano. También el reto de religiones indígenas y afroamericanas, con sus propios símbolos y lógicas; nuevas líneas espirituales de carácter posmoderno; y ciertamente retos mayores: el encuentro y colaboración con formas de fe asiáticas y africanas. En fin, es fascinante lo que viviremos en los años futuros.(...) El llamado no es a comparar lo que cada uno atesora, sino a continuar caminando hacia lo que no es propiedad de nadie. La convocatoria es a caminar, animados por nuestras distintas espiritualidades, hacia el Misterio de Vivir."

Acerca do diálogo interreligioso, vários teólogos e teólogas têm se pronunciado, e cabe reconhecer o esforço de muitos organismos ecumênicos do continente em seus congressos e jornadas e da Comissão Teológica de ASETT-LA⁹ que assim se expressa: "Ha llegado la hora inaplazable de la entrada más fuerte de la teología latinoamericana en el diálogo mundial sobre el Pluralismo Religioso. Hemos de dar nuestra contribución específica, aportando nuestro propio "carisma" de contextualidad, lectura histórico-escolástica y opción por los pobres. Un movimiento mundial de liberación necesita un diálogo pluri-religioso mundial. La liberación de los pobres y nuestra opción por su causa ya no puede menos que inscribirse en un marco mundial de diálogo con todas las religiones."

A abertura de processos que sinalizem a paz, traz como pressuposto que o diálogo pluri-religioso precisa encontrar mecanismos de promover a tolerância e a equidade/justiça em uma realidade marcada pela diversidade. Apenas identificar os pontos de unidade não seriam suficientes para tratar do diálogo entre as diversas religiões. Precisaremos dar um passo adiante que é o de reconhecer as diversidades contidas nas “verdades irrenunciáveis” a cada tradição de fé. Partindo do reconhecimento das diversidades, penso ser fundamental conceber verdades como uma expressão plural e passível de ser relativizada para o diálogo, ainda que seja espaço de segurança para quem a professa. Do contrário, fundamentalismos de qualquer das verdades seria o aceno de um diálogo que não tem possibilidade de ser iniciado.

Não seria possível tratar a questão da religião sem identificar também que ademais das questões próprias da tradição de fé e compreensão do transcendente que lhe é próprio, as religiões estão marcadas pelo ethos cultural-social-político no qual estão inseridos e seus respectivos processos de mudanças e de cristalizações históricas. Dessa maneira, cada tradição de fé é vivida pelas pessoas, em seu cotidiano, dentro de uma conjuntura sócio-cultural à qual correspondem as construções das relações de gênero, de etnia e de idade, por exemplo. Tal tradição de fé, responde também às concepções político-econômicas das relações entre os distintos extratos/classes sociais. Isto nos permitiria dizer que além das diversidades inerentes à concepção do transcendente, cada tradição de fé organiza seu universo de relações sociais em tese com base na compreensão de sua fé mas em muito carrega construções de sentido histórico cultural que ao se mesclarem tendem a compor os dogmas e não raras vezes são pontos fortes de intolerância entre as tradições religiosas.

O diálogo pluri-religioso é um desafio que requer constantes indagações sobre nosso lugar nas tradições em que construímos a experiência religiosa. É preciso, portanto, que haja a abertura para compartilhar mas, também é necessário deixar-se interrogar pelo diferente; que a gente considere as perguntas e falas da outra pessoa muito em sério, para re-visitá-las o que já sabemos e aquilo que acreditamos. É fundamental alimentar o desejo do novo em nossa experiência. É preciso assumir o lugar de onde falamos e de onde escutamos. Falamos e entramos em diálogo a partir de nossa experiência histórica e

⁹ Trechos da apresentação do primeiro livro, dos cinco projetados pela Comissão Teológica de Asett-LA. Comissão presidida por Luiza Tomita e conta com a colaboração de Jose Maria Vigil e Marcelo Barros.

culturalmente situada. Muitos e muitas de nós, aprendemos a experiência de fé na tradição cristã – protestante, evangélica, pentecostal ou católica romana – e, é desse lugar concreto que saímos ao encontro do outro para o diálogo. Sem dúvida, esse caminho exige que consideremos nossa visão e experiência de Deus como *uma possibilidade de aproximação do Mistério*, não a única! (ainda que para nós seja verdade e faça sentido). A consciência da parcialidade de nossa experiência diante da totalidade do Mistério de Deus é fundamental para o diálogo. Reconhecer essa dimensão de localização da experiência nos permite estar com o ouvido aberto, o coração, os olhos, enfim, o corpo pronto para perceber a beleza da pluralidade de nossas experiências *diante do Mistério*. Nem *sobre*, nem *do* Mistério mas, acima de tudo, em atitude aprendente: *diante de*.

As linguagens humanas são precárias, às vezes frágeis para captar toda a experiência de fé que fazemos, por isso as verdades que nos alimentam conseguem aproximar-se do transcendente mas não resumi-lo às nossas formulações. Insistir em propriedade da verdade absoluta sobre Deus, a partir de uma tradição de fé, corresponderia a fazer sucumbir Deus às nossas possibilidades e pouco contribuiria para um processo de diálogo. Há que buscar outras linguagens que restituam ao Mistério sua amplitude, incapaz de caber em nossos códigos de percepção e elaboração da experiência de estar no mundo. Afinal, estamos diante do convite ao diálogo pluri-religioso e para tal precisamos re-visitar a nossa tradição de fé, por meio de um movimento de abertura à semelhança da vida em sua dinâmica de caos e auto-organização.

Na perspectiva de abrir-me ao diálogo com as construções de saberes teológicos de cada uma das outras regiões presentes a este Fórum, desejo finalizar reafirmando a motivação da poesia de Fernando Pessoa, com a qual iniciei este texto. É possível dizer que nos movimentos teológicos em profunda revitalização com sua vertente indígena, afro-latinoamericana, feminista, homossexual, pentecostal, ecossistêmica, econômica, cultural, poética e estética estamos buscando um diálogo pluri-religioso “na certeza de que estamos sempre começando, na certeza de que é preciso continuar, na certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...” por isso, vamos “fazer da interrupção um caminho novo, da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura... um encontro!”